

A ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL: UM CAMPO DE QUESTÕES

L'analyse du discours numérique: un champ de questions

Cristiane Dias

Labeurb/Unicamp

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desdobramentos epistemológicos produzidos pelo digital no campo da Análise de Discurso. Para tanto, levarei em conta alguns conceitos e noções que foram produzidas e/ou que tiveram desdobramentos teóricos na análise do discurso digital, na medida em que o digital se impõe como um campo de questões. O artigo também propõe discutir, a partir da noção de arquivo, os dispositivos de análise formulados ao se considerar o digital como materialidade dos discursos.

Palavras-chave: Arquivo; Discurso digital; Dispositivos; Materialidade digital.

Resumè: Cette article a comme but faire une réflexion à propos des déplacements épistémologiques produits par le numérique au champ de l'Analyse du Discours. Pour cela, je prendrai en considération quelques concepts ou notions produits et/ou qui ont eu des dédoublements théoriques dans l'analyse du discours numérique, dans la mesure où le numérique s'impose comme un champ de questions. L'article propose aussi discuter, à partir de la notion d'archive, les dispositifs d'analyse formulés en considérant le numérique comme matérialité discursive.

Mots-clés: Archive; Discours numérique; Dispositifs; Matérialité numérique.

Palavras preliminares

O digital produziu uma mudança na discursividade do mundo, como tenho afirmado em meus trabalhos (DIAS, 2004, 2012) nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas também na forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação. Apontamos esses entre tantos outros processos de ressignificação do funcionamento das instituições e dos discursos que poderíamos apontar e que fazem parte das formas de individuação dos sujeitos pelo Estado, conforme tem mostrado Orlandi (2001, 2012), em seus escritos.

Em cada um desses campos, afetos, trabalho, mobilidade, ciência, relações sociais, há derivas para outros lugares de significação, que produzem novos sentidos no jogo entre o mesmo e o diferente. Ao Analista de Discurso cabe observar essas derivas, compreender como elas se dão, compreender a historicidade do sentido para chegar ao processo da significação. Nesse percurso analítico, levamos em conta a memória no que se refere a relação da língua com a história: memória discursiva, e seus efeitos na constituição do sujeito.

Essa conjuntura de mudança da “relação da ordem simbólica com o mundo”, diz respeito à produção do conhecimento nas sociedades, à nossa formação social, e tem consequências na pesquisa, no que se refere à maneira como ela é produzida no âmbito das instituições ou à maneira como ela é significada na sociedade, seu efeito-leitor. E essas consequências têm a ver com o digital e com o modo como ele coloca em relação sujeito e conhecimento, através de um funcionamento específico da memória, cuja natureza é digital.

Essas mudanças têm efeitos, também, no campo específico das teorias. No caso da Análise de Discurso, teoria a partir da qual proponho a reflexão desse artigo, chamamos esse efeito de efeito de arquivo, que diz respeito ao modo como o arquivo é compreendido em sua materialidade. Conforme Guilhamou e Maldidier (2010, p. 162),

o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social. O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes.

Isso porque considerar o arquivo em sua materialidade implica encontrar na prática de análise de discurso o momento da interpretação, em relação ao da descrição, num batimento entre um e outro (PÊCHEUX, 2008, p. 54). A essa prática, trabalho com o significante, os dispositivos de arquivo vão se impondo e configurando o processo analítico, a construção do objeto de análise. Daí dizermos que um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade e os resultados da análise de um mesmo arquivo também são distintos por causa dos dispositivos e configurações significantes. Nas palavras de Orlandi:

Efeito do arquivo. Ao contrário das ciências positivistas, a diferença de resultados resulta do fato de que, se a teoria e o método, assim como o objeto da análise de discurso, formam um corpo estabelecido, têm suas constantes, no entanto, na construção do dispositivo analítico (1989), **a questão posta pelo pesquisador, a maneira como ele considera seu material, construindo o objeto de sua análise**, seus objetivos e seu campo teórico, onde se dará a interpretação dos resultados de sua compreensão, podem trazer contribuições sempre diferentes e extremamente frutíferas para o conhecimento do objeto simbólico em questão e a observação dos processos de significação (ORLANDI, 2013, p. 3).

A citação de Orlandi (2013) é basilar da reflexão que proponho nesse artigo, em torno do trabalho teórico sobre o funcionamento dos corpora digitais e sobre as ferramentas teóricas, procedimentos analíticos e dispositivos de arquivo, construídos para análise dos discursos produzidos na web ou, como entende Paveau (2012), discursos nativos online, que a autora define como sendo aqueles “produzidos no ecossistema digital da web 2.0” [1] (idem, p. 6).

A análise do discurso digital tem se ocupado sobre essa questão no âmbito da Rede franco-brasileira de análise do discurso digital (A2DI) [2], que foi criada a partir de uma colaboração entre os trabalhos desenvolvidos na França por Marie-Anne Paveau, da Universidade de Paris 13 SPC, sobre a *Analyse du Discours Numérique* (ADN) [3], e, no Brasil, os trabalhos que tenho desenvolvido sobre a Análise do Discurso Digital, no Labeurb (Nudecri-Unicamp).

Em meus trabalhos, tenho apontado, desde 2004, para uma mudança na discursividade do mundo, o que hoje chamo digitalização do mundo, ou seja, práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso deslocam o campo da “luta” para uma inscrição na forma digital. Em outros termos, a digitalização do mundo é um processo de historicização dos

sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material^[4] outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho. A digitalização do mundo é essa coisa “en-formada” (ORLANDI, 2012, p. 72) pelo digital.

A partir disso, proponho uma reflexão a propósito dos efeitos dessa mudança no que concerne ao método e às novas práticas de análise que se impõem, fazendo com que a teoria retorne sobre suas bases teóricas e produza noções que deem conta das especificidades dos objetos de análise digitais.

Para o presente artigo, apresentarei algumas problematizações e desdobramentos teóricos que têm sido produzidos, mais especificamente, no campo epistemológico da Análise de Discurso, nesse caso. Esses desdobramentos têm se produzido a partir da teoria e seu corpo estabelecido, com suas constantes (noções como autoria, memória, texto, materialidade). A partir disso, verificaremos como o trabalho com os novos corpora ampliam essas noções para que o conhecimento do objeto simbólico em questão seja produzido, bem como a observação dos seus processos de significação.

Digital: um campo de questões

O movimento teórico que ocorre em função do digital, mais especificamente no campo das Ciências da Linguagem e mais amplamente no campo das Ciências Humanas e Sociais, é bastante significativo. No campo da Análise de Discurso, muito se tem trabalhado a partir de seu dispositivo teórico e analítico para dar conta das questões que o digital coloca para a linguagem e seu funcionamento, e também das questões que a própria Análise de Discurso coloca para o digital, pois, nessa perspectiva, “os sentidos não são indiferentes à matéria significativa” (ORLANDI, 1996, p. 12), portanto, é preciso considerar o digital em sua opacidade.

Para Orlandi (2006, p. 25), o trabalho e a necessidade de conceitos vão surgindo “na medida em que se vai avançando em pesquisa”. É desse avanço em pesquisa e da maneira de se considerar o material construído a partir de arquivos informáticos ou digitais, que o conceito de memória metálica é elaborado. Até como uma forma de, numa

outra conjuntura, fazer avançar aquilo que Pêcheux (2010, p. 59) já havia prenunciado em seu texto *Ler o arquivo hoje*, ao alertar para “os riscos redutores do trabalho com a informática”, lá onde esses riscos tocam as práticas de leitura de arquivo e o trabalho da memória. Essa é certamente uma questão que se coloca com o digital, cujos efeitos de sentido produzidos pelo seu modo de inscrição histórica são os da eficácia e transparência técnica que o significa como algo que não falha. Daí a noção de memória metálica, cunhada em 1996 por Eni Orlandi para dar conta teoricamente de problematizar essa ilusão da memória infalível da informatização dos arquivos que, segundo a autora, reduz “o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente transparentes” (ORLANDI, 1996, p.16). Essa ilusão de memória infalível (a metálica) é produzida por uma evidência técnica de que a tecnologia não falha e de que suas possibilidades físicas são inesgotáveis. As tecnologias de armazenamento em nuvem e de aplicação contribuí em grande escala para a atomização dos arquivos, corroborando a evidência de uma memória inesgotável. É com essa evidência de um “dizer repetidamente re-atualizado” que tomamos como memória, que o sujeito se relaciona e se constitui nessas relações. Nesse sentido, o que tenho procurado compreender como memória digital, fazendo avançar a formulação de Orlandi, difere da memória metálica, mas não se descola dela, pois se por um lado a memória metálica, que funciona pela quantidade, pela possibilidade de armazenamento e processamento dos dados, ou seja, a memória do computador, por outro lado, a memória digital é esse resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento digital, pelo trabalho do interdiscusso. Portanto, a memória digital não é uma re-atualização técnica da memória, ou seja, uma expansão horizontal dos enunciados, mas uma atualização discursiva pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital.

Ainda no que se refere ao trabalho teórico da Análise de Discurso para dar conta do campo de questões em torno do digital, é possível apontar para a noção de corpografia elaborada por mim (DIAS, 2004, 2008, 2012) e a partir da qual busquei produzir uma compreensão da escrita no digital, levando em conta as tecnologias digitais e a maneira como esses dispositivos de arquivo, que se manifestam pela emergência de uma escrita “pressionada pela oralidade” (ROBIN, 1998), produzem uma injunção ao corpo na forma da letra, grafo, grafia, produzindo, com isso, a corpografia. O que chamei corpografia, é, portanto, essa textualização do corpo na letra, na tela, pelo

afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital. “Corpo que se textualiza”, nos ensina Orlandi (2001, p. 213). E essa textualização tem suas características, dentre as quais, inclui o corpo e o afeto (o outro). Acontecimento do corpo na língua e na escrita. A escrita como significante do afeto. Escrever no *online* seria um gesto que *escreve* o corpo.

Se tomarmos como exemplo o Twitter ou o Facebook, vemos que a *inscrição* do corpo na forma material do dizer dessas redes sociais se dá por meio de projeções de ícones, imagens, gifs, letras, links, hashtags, que constituem a “unidade de sentido” (Orlandi, 2001, p. 73) num “compósito heterogêneo”, como define Paveau (2015), produzindo uma estrutura digital do sentido, por meio de uma digitalidade: aquilo que faz circular os conhecimentos armazenados na memória metálica. A digitalidade diz respeito, portanto, à circulação em diferentes formatos e dispositivos daquilo que está em estado digital.



Figura 1. Captura de tela do Twitter

Do ponto de vista analítico, trata-se de observar pela corpografia a materialidade digital do gesto de interpretação. Como o sujeito formula seu dizer afetado pela tecnologia digital? Como o discurso se digitaliza numa unidade de sentido como a do

post ou a do tuíte? E como a língua se contorce na relação com o acontecimento do digital?

Segundo Orlandi (2001, p. 79), “a mutação técnica, e cultural, de que participamos, não coloca em causa a escrita. A informática é uma técnica da escritura, introduzindo procedimentos novos de escrita e leitura”. E esses procedimentos, no meu entender produzem uma digitalidade.

A noção de corpografia vai buscar compreender esses elementos novos que, hoje, fazem parte do cotidiano da escrita e da leitura e que, de modo amplo, como afirma Orlandi (2001, p. 80) reorganizam o trabalho intelectual. Desse modo, a autora continua sua reflexão apontando para a necessidade de um deslocamento da concepção de textualidade em função das tecnologias digitais. É nesse âmbito que compreendo que a digitalidade pode contribuir, na medida em que se a textualidade diz respeito à tessitura dos elementos que formam um texto, que é considerado em Análise de Discurso como uma unidade imaginária significativa, composta por palavras e/ou imagens e/ou ícones e/ou sons etc, a digitalidade corresponderia a tudo isso, no digital. A digitalidade é a unidade significativa correspondente a diferentes processos de significação cuja matéria significante é o digital. Para Orlandi (1995, p. 111), texto é uma *peça* de linguagem. A autora afirma que uma palavra não significa em si mesma, “quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”. Nessa perspectiva, quando algo é significado pelo/no digital: uma palavra, uma imagem, um som, um ícone, mas também uma loja, um museu, uma biblioteca, uma cidade, um jornal, uma rádio, uma escola, uma universidade, um encontro, um casamento, uma terapia, um protesto, etc. é porque tem digitalidade. Assim, dizemos, a digitalidade da palavra, que inclui o técnico e o languageiro, como trabalha Paveau (2015), mas também o histórico, ou seja, o discurso, é o que a torna um objeto tecno-linguístico e histórico.

Observemos no funcionamento discursivo de uma captura de tela do Facebook, a seguir.



Figura 2. Captura de tela do Facebook

Nessa tela capturada temos diferentes elementos como texto (comentário), vídeo, link, ícone. Todos eles constituem a digitalidade desta unidade significativa, cuja interpretação deriva de um discurso que a sustenta, o do feminismo em sua constituição pelo digital, que encontra no digital outras formas de existência histórica, outras filiações, outros discursos.

O que podemos compreender desse gesto analítico é que o que faz com que essa digitalidade, unidade significativa digital, nesse caso, produzida em ambiente digital signifique, vai além do compósito heterogêneo de elementos de distintas naturezas materiais. Sua significação se dá pela maneira como o discurso se constitui, se formula e circula atravessado pela materialidade digital.

É essa digitalidade do corpo, por exemplo, que a corpografia vai buscar compreender, em sua dimensão afetiva. Dessa perspectiva, dizer que o corpo se escreve na letra é incorporar ao dizer o afeto e sua potência política, a corpografia é um traço do afeto, cuja matéria prima é letra, linha, cor, cálculo, código, símbolo gráfico, luz, som, tecnologia.

O conceito de tecnodiscurso e tecnologias discursivas, cunhado por Marie-Anne Paveau (2006), dá conta dos discursos online. Para a autora (2013),

A tecnologia discursiva é o conjunto dos processos de discursivização da língua num meio tecnológico. É um dispositivo no âmbito do qual a produção linguageira e discursiva está intrinsecamente ligada a instrumentos tecnológicos online e off-line (computadores, telefones, tablets, programas, aplicativos, sites, blogs, redes, plataformas...). A tecnologia discursiva implica uma natureza compósita das produções linguageiras^[5].

Essa natureza compósita, fortemente trabalhada por Paveau (idem), como aquilo que se constitui de uma montagem entre o técnico e o languageiro, é o que produz o que estou chamando digitalidade. Daí a importância de considerar a materialidade digital, que constitui a natureza tecno-linguística e histórica das formulações.

Desse modo, tenho trabalhado (DIAS, 2008, 2016) sobre a noção de materialidade digital, no sentido de teorizar sobre uma distinção entre suporte e materialidade, sobretudo no que diz respeito ao procedimento analítico e à descrição das condições de produção. É preciso, nesse âmbito, “levar em conta o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais” (DIAS, 2016, p. 168).

A materialidade digital é, no meu entender, “o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo *meio material* (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.)” (DIAS, 2016, p. 173). Esclareço ainda que a materialidade digital não se reduz ao digital ou ao online, o que caracteriza a materialidade digital é sua discursividade. Na imagem a seguir, temos, por exemplo, uma materialidade digital:



Figura 3. Materialidade digital. Imagem publicada em:

<<https://jornalistaslivres.org/2016/06/sabado-foi-dia-de-fora-temer-em-campinas>>.

Apesar de termos um cartaz escrito à mão, levantado numa manifestação de rua, dizemos que se trata de uma materialidade digital por estar fortemente significada pelo discurso digital. Diríamos que a digitalidade significativa do discurso político que se inscreve na formação discursiva de resistência ao Golpe institucional sofrido pelo governo de Dilma Rousseff, no Brasil, em agosto de 2016, encontra na hashtag uma marca e uma propriedade que a significa pelo digital. Mas também é preciso considerar aí a significação pela circulação, tanto do urbano quanto do digital.

É pertinente, ainda, apontar para os desdobramentos da noção de autoria que têm se dado a partir do digital. Sobre essa questão, Orlandi (2001, p. 80) já apontava para uma mudança na “forma histórica da autoria” e empreendeu uma longa reflexão, a partir do trabalho de Cerquiglioni (1989), questionando: em que medida “a formulação (atualidade) poderia atingir a instância da constituição (memória) dos sentidos?”.

Também Marie-Anne Paveau (2015b, p. 351) vai trabalhar a noção de autoria *online* problematizando a questão da autoria como propriedade, o que nos conduz, por vias e filiações distintas, ao questionamento proposto por Orlandi.

Um exemplo desse deslocamento na noção de autoria é o funcionamento do colaborativo na produção do conhecimento, como a Wikipédia, ou na produção de literatura, por meio de aplicativos, entre outros exemplos nos quais a autoria é, no dizer de Paveau (*idem.*), transformada pela noção de autores múltiplos.

Como aprendemos com Guilhamou e Maldidier (2010, p. 174), “a materialidade do arquivo impõe sua própria lei à descrição”. Nesse sentido, busquei aqui, mostrar como a materialidade digital do arquivo impõe em certa medida a necessidade de produção de dispositivos teórico-analíticos outros, que levem em conta as formas de historicização dos sentidos na sua relação com o simbólico. Há uma mudança na conjuntura teórica. No entanto, não podemos perder de vista “os pilares da análise de discurso fundada por M. Pêcheux na perspectiva materialista” (ORLANDI, 2012, p. 29). É preciso, como aponta Orlandi, trabalhar na elaboração de noções que mostrem a riqueza do campo disciplinar da Análise de Discurso e não cair no erro da diluição e adequação disciplinar. E um trabalho como esse implica, ainda segundo Orlandi (*idem.*) “estabelecer uma relação de consistência entre a teoria, o método, os procedimentos e o objeto”. É nesse sentido que tenho trabalhado o discurso digital como um objeto teórico que produz efeitos no mundo.

Conclusões

Procurei apontar aqui apenas algumas dentre outras noções produzidas na perspectiva da Análise de Discurso, que buscam flexionar, desdobrar a própria teoria, produzindo dispositivos de análise e de construção de corpora pautados em outras formas de produção do objeto e de “recorte” do corpus a partir da materialidade digital. Além disso, no que diz respeito aos instrumentos linguísticos, como dicionários e enciclopédias, e também lugares onde o conhecimento circula de diferentes maneiras, como bibliotecas e museus, há um desdobramento de sentido, uma vez que estes se inscrevem e se significam a partir da discursividade do digital. A partir de um funcionamento específico da memória que, de um lado, é uma memória do acúmulo, da circulação: a memória metálica. Um eterno retorno sobre o eixo da própria formulação, que se replica em grande escala e que, nessa saturação do dizer produz aquilo que Pêcheux (1999) chamou “acontecimentos sem profundidade”. De outro lado, é essa memória discursiva digital, que é a da constituição dos sentidos na história, produzindo a “falha” no algoritmo, o desvio no trajeto do dizer. Essas diferentes formas da memória dão margem à um movimento tensional de digitalização das relações sociais, urbanas, intelectuais..., produzindo diferentes digitalidades. E diferentes modos de produção da ciência.

Assim, da perspectiva da Análise de Discurso, o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria. Nesse sentido, a Análise de Discurso coloca questões (im)pertinentes ao digital, fazendo deslocar tanto a teoria, pelas questões que formula, quanto o digital, pois, ao questionar suas evidências e sentidos cristalizados, produz sentidos outros, desvios no processo de significação já estabilizado pelo “técnico”. É desse lugar, justamente, que criamos uma rede franco-brasileira de Análise do discurso digital, no sentido de trabalharmos em conjunto na construção de uma ampla bibliografia colaborativa sobre o discurso digital, considerando a dimensão epistemológica, discursiva e histórica do digital na produção e circulação dos sentidos.

Nota de rodapé

[1] Tradução livre: «produits dans l'écosystème numérique du web 2.0».

[2] <https://dcdigital.hypotheses.org/>

[3] Sobre a ADN ver: <https://penseedudiscours.hypotheses.org/category/theorie-du-discours/analyse-du-discours-numerique-theorie-du-discours> e <http://technodiscours.hypotheses.org/>

[4] Sobre a noção de forma material, estou aqui ancorada nos trabalhos de Eni Orlandi (2001, 2012) que formula e define a noção de forma material no campo da Análise de Discurso. Para a autora a forma material não é nem empírica, nem abstrata, mas linguístico-histórica (2012, p. 72).

[5] Tradução livre : « La *technologie discursive* est l'ensemble des processus de mise en discours de la langue dans un **environnement** technologique. C'est un dispositif au sein duquel la production langagière et discursive est intrinsèquement liée à des outils technologiques en ligne ou hors ligne (ordinateurs, téléphones, tablettes, logiciels, applications, sites, blogs, réseaux, plateformes...). La technologie discursive implique une nature **composite** des productions langagières. »

Referências

CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante. Histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil, 1989.

DIAS, Cristiane. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. n. 37. Jan./jun. 2016. p. 157-175. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao37/edicao37.html>>.

_____. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM-PPGL, 2008.

_____. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*. Tese de Doutorado, Unicamp, 2004.

GUILHAMOU, Jacques, MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. P. 161-183.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Ponte, 2012.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital* [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013.

_____. História das ideias x história de vida. Entrevista com Eni Orlandi. In. SCHERER, Amanda. *Fragmentum*, n. 7, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6349/3855>. Acesso em: 16/10/2016

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Texto e discurso. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 9, n. 23, 1995. p. 111-118.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2015b.

PAVEAU Marie-Anne, 7 août 2015, "Composite", *Technologies discursives*, [Carnet de recherche], <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=699>, Acesso em 18/10/2016.

PAVEAU Marie-Anne, 21 janvier 2013, "Technologie discursive», *Technologies discursives* [Carnet de recherche], <http://technodiscours.hypotheses.org/?p=277>, Acesso em 18/10/2016.

PAVEAU Marie-Anne. *Les prédiscours*. Sens, mémoire, cognition, Paris, Presses Sorbonne nouvelle, 2006.

PECHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.), *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

_____. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. Papel da Memória. In: Achard, P. et. al. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ROBIN, R.. *Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au cybersoi*. Montréal: XYZ, 1998.

Recebido em 01/08/2016

Aceito em 15/12/2016.